

PERSPECTIVAS PARA O TEATRO DE ANIMAÇÃO EM UM MUNDO DE PANDEMIA NO TEATRO DE JOÃO REDONDO DO RN

Maria das Graças Cavalcanti Pereira¹

O Teatro de Bonecos, que, no Rio Grande do Norte, denomina-se João Redondo, é derivado da tradição dos mestres brincantes – alguns já falecidos – e de seus multiplicadores ou seguidores que não descendem da linhagem de mestres, mas aprenderam com vários deles e, aos poucos, foram se inserindo nesse universo lúdico. Neste artigo, visa-se, em linhas gerais, fazer o registro da situação em que se encontram esses mestres no atual cenário, dando a conhecer não apenas suas reais condições de sobrevivência e os modos de enfrentamento para superar as dificuldades decorrentes da pandemia, mas também sua visão de futuro, em um mundo pós-pandemia, extremamente afetado por suas indizíveis consequências.

O João Redondo é uma brincadeira mais particularmente apresentada aos moradores de pequenos sítios e lugarejos, como forma preferencial de entretenimento desse público. Mas também costuma apresentar-se em escolas, nas praças públicas, ou em outros espaços, à escolha do proponente interessado, e até mesmo na casa do próprio bonequeiro. O cenário atual, no entanto,

já não mais se configura assim. Essa aparente tranquilidade viu-se consideravelmente afetada, a partir do dia 11 de março do corrente ano, quando a Organização Mundial de Saúde, em decorrência da pandemia instaurada, recomendou, em todo o mundo, o isolamento social.

Essa decisão atingiu plenamente o mundo da cultura, vez que todos os eventos de tal natureza geram aglomeração de pessoas. O teatro de bonecos faz parte desse universo; e, como uma de suas células, também parou. Em deriva, deparamo-nos com grupos de profissionais que vivem da arte sem condições de exercer o seu ofício. A lona do circo deixou de subir, palcos e teatros ficaram vazios, bibliotecas e museus cerraram suas portas. A vida de milhões de pessoas foi alterada, sendo necessário adaptar-se a uma nova rotina, a um novo modo de trabalho, de lazer, a novas formas de se comunicar.

Numa tentativa de conhecer a real situação dos mestres inseridos na Associação Potiguar de Teatro de Bonecos do RN-APOTB nesses tempos de pandemia – um conhecimento que se constitui como principal objetivo deste artigo –, elaborei quatro questionamentos a serem respondidos pelos 45 mestres associados. A partir de suas respostas é que se constrói a abordagem ora proposta. As questões referidas foram assim conduzidas: 1. *Qual era seu cotidiano no teatro de bonecos antes da pandemia?* 2. *Como está a sua sobrevivência neste período em que o contato direto com o público ficou suspenso?*

¹ Doutora em Ciências Sociais. Presidiu a Associação Potiguar de Teatro de Bonecos - APOTB e atualmente dirige o Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão - FUNCARTE, Prefeitura Municipal do Natal. Email: galnatal@hotmail.com

Você fez algum trabalho virtualmente? Lives, vídeos, oficinas, dentre outras? 3. Como você está se organizando nesse período? 4. Qual perspectiva você vislumbra para o futuro próximo, na pós-pandemia?

Em suas respostas, os mestres dão depoimentos reveladores do período anterior à pandemia, tais como: "*Estava fazendo quase cem apresentações por ano, com cachês que variavam entre R\$ 400,00 e R\$ 800,00, além das encomendas de bonecos e convites para fazer oficinas em escolas, ou mesmo daqueles que estavam fazendo apresentações esporádicas, com pagamentos tão pequenos, quase uma gorjeta.*" Esse testemunho parece-nos um indicativo de que o fato de estar sempre se apresentando é bem significativo para a maioria dos mestres do RN. E mesmo ganhando pouco, às vezes sendo esse seu apurado somente uma renda adicional para a família, eles demonstram sentir a falta do contato com o público.

Tomando as respostas à questão n. 2, percebemos que, de um modo geral, elas evidenciam um sentimento de medo associado ao cuidado com o outro. O medo apresenta-se como indicador importante do afeto que se dispensa ao outro diante do reconhecimento racional de um perigo mortal. Mas, além disso, esse sentimento também reforça a necessidade de se cuidar, de se precaver do perigo iminente.

Em contrapartida, podemos dizer que esse período mostrou-se propício para que muitos mestres se organizassem ou mesmo se reinventassem para a sua própria sobrevivência, embora se saiba que a maioria não depende exclusivamente da renda do teatro de bonecos. No conjunto das respostas para essa questão, constatou-se que muitos mestres desenvolveram habilidades no campo do *marketing* digital, fazendo oficinas de construção de bonecos e de máscaras, de forma virtual, o que antes era impensado. Outros, de forma um tanto tímida, atuaram no universo digital fazendo *lives*, uma experiência que lhes despertou o interesse para postagens e compartilhamentos de suas técnicas

nas mídias sociais. Alguns mais, para preencher o tempo, estão refazendo suas coleções de bonecos, ou aumentando seu acervo, compartilhando seu processo criativo nas redes sociais ou mesmo fazendo vídeos curtos, no próprio celular, para futuras edições.

Numa apreciação geral, é possível dizer que assim como a quarentena imposta pelo avanço do novo coronavírus está causando uma imensurável angústia, e não menor insegurança, também abriu espaço para a criatividade e para a experimentação do novo. É, pois, um cenário incredivelmente promissor, considerando-se o fato de que nos pode levar a experimentos inusitados e a soluções que, em tempos normais, demorariam anos para suceder.

No que concerne aos mestres, essa percepção faz-se nítida. Basta considerar sua produção e suas novas formas de atuar durante esse período de pandemia. As respostas às questões 3 e 4 são bem reveladoras dessa nova realidade que estão vivenciando, e também das perspectivas que se lhes abrem para enfrentar o porvir. Dentre tantas, alimentam o desejo de montar um espetáculo inovador, sem desrespeitar a tardição, assim como pretendem dar continuidade ao trabalho que vêm fazendo por meio de ações nas mídias digitais, a exemplo da criação de roteiros para vídeos e da ministração de aulas de confecção de bonecos, por acreditarem ser este o melhor caminho para dar uma real visibilidade ao teatro de bonecos, além de ser também um meio bastante propício para o exercício da criatividade e para a busca de novos temas que venham provocar o riso nas pessoas, objetivo maior daqueles que fazem a brincadeira.

Para a maioria dos mestres, a expectativa de uma vida pós-pandemia envolve não só o cumprimento de contratos agendados anteriormente mas também a participação no próximo Encontro de Bonecos e Bonequeiros, evento que acontece, anualmente, no município de Currais Novos (RN), projeto aprovado pelo IPHAN para agosto de 2020, que, em função da



Bonecos do acervo do Mestre Raul do Mamulengo. Foto: Vinícius Cavalcanti Rocha.

pandemia, fica sem data fixa para a sua realização. A depender do pensamento positivo dos que estão envolvidos, a possibilidade persiste, contando-se, inclusive, com a indicação de um espetáculo de natureza virtual.

Para além dessa perspectiva, outros mestres que realizam pequenos eventos anuais estão na mesma corrente positiva, ajustando seus projetos para concretizá-los ainda este ano, ansiosos por mostrar suas inovações. Há também os que estão planejando suas pesquisas de campo, como o Mestre Duda da Boneca, que pretende executar

seu projeto *Fuá no Terreiro do Mestre*, cujo objetivo é apresentar o mestre no seu contexto familiar, conhecer seu lugar, sua realidade, visando levar para seu “terreiro” a brincadeira do João Redondo, manifestação cultural reconhecida como patrimônio.

Vale ainda mencionar a pretensão do Mestre Genildo Mateus, que se propõe criar seu próprio memorial, contando sua trajetória no teatro de João Redondo, e ainda a história do teatro de bonecos. Nesse memorial, também serão contemplados alguns brincantes do nosso estado, que ficarão em exposição permanente. E não se pode esquecer o

Mestre Aldenir que pretende, na pós-pandemia, aprofundar seu projeto “João Redondo pelo Meio do Mundo”, levando-o, preferencialmente, para as comunidades mais carentes e para a Zonal Rural.

Por sua vez, o Mestre Heraldo Lins, ex-presidente da APOTB, enfatiza, em suas respostas, que essa pandemia, além de proporcionar novos exercícios artísticos em relação à criatividade e à familiarização com a linguagem virtual, está trazendo o aprimoramento das técnicas de filmagem, tornando-se, assim, um período de grande aprendizado. Revela, ainda, o seu desejo de retomar as apresentações com a presença do público, alegando ser esse o termômetro mais eficaz para saber se está no caminho certo para provocar o riso.

Já o Mestre Ronaldo Gomes, atual presidente da APOTB, mostra-se preocupado com o novo modo de retomada das apresentações e de contato com os mestres, principalmente com os da tradição, que, por serem muito idosos, exigem uma diferente forma de abordagem e de proteção. Considera ainda que esse é um cenário novo e que teremos de refletir sobre como se dará esse processo e sobre os mais adequados protocolos a serem seguidos para uma convivência devesas saudável entre os que fazem o teatro de bonecos.

Vale, em acréscimo, uma menção mais específica às mulheres bonequeiras membros desse grande grupo², que são poucas ainda, é bem verdade, mas que participam intensamente de uma ala

Bonecos do acervo da Mestra Dadi. Foto: Graça Cavalcanti.



singular, a das mulheres bonequeiras do Brasil, que se organizam e arrumam suas malas visando a um próximo encontro só de bonequeiras, e que também se dedicam à produção de bonecos para vender e às apresentações em *lives* bonequeiras. Segundo elas, na pós-pandemia, pretendem fazer um trabalho que lhes proporcione mais empoderamento para, dentro desse universo, historicamente masculino, fazerem a diferença como sementes de bons frutos, que foram plantadas por Dadi (81 anos), primeira mulher a confeccionar os bonecos e a apresentar a brincadeira da tradição no Rio Grande do Norte.

Em se considerando a essência dos discursos construídos pelos mestres e mestras em suas respostas aos questionamentos propostos, constata-se um posicionamento unânime quanto ao fato de que as ferramentas virtuais devem continuar sendo utilizadas, pois se mostraram muito eficientes, tanto por encurtar distâncias quanto por produzirem conhecimentos, aflorando o desejo de alguns em contribuir, no futuro, para que haja a interação daqueles que não dispõem de meios tecnológicos mais modernos para buscar um contato mais próximo inserindo-se, assim, no coletivo.

E para atestar o que se projeta, em termos de futuro, para os mestres, arrisco dizer que esse futuro já se desenha. Prova disso é a proposta que acabo de receber da professora Izabela Brochado, da UnB, para fazer parte da abertura de malas no 3º ANIMANECO - Festival de Teatro de Bonecos de Joinville - SC, evento virtual que acontecerá em agosto próximo. Diante da pandemia, já há algum tempo sem ver essa produção dos mestres, achei pertinente rever, mesmo que fosse através de fotos e vídeos. Assim, pude comprovar o que disseram os mestres nas respostas às perguntas 2 e 3, pois recebi diversas fotos de malas, com a exibição de suas produções mais recentes, motivando os mestres a pensarem em novos projetos para um futuro próximo.

Por fim, penso que, se por um lado, a COVID-19 tirou-nos muitas coisas, por outro, ao mesmo

tempo, está nos dando a oportunidade de romper com o passado e reconstruir, quiçá, um futuro mais promissor. E é certo que sobreviveremos, mas, muito provavelmente, não seremos os mesmos. Tal como profetizaram, em sua música, Milton Nascimento³ e Elis Regina: *Nada será como antes, amanhã.*

NOTAS

²Tais como Maria Ieda Silva de Medeiros (Dadi), Catarina Gutti, Zildalte Macedo, Lourdinha Medeiros, Bárbara Nunes, Juliana Modro, entre outras.

³Composição de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, lançada no álbum intitulado *Milton*, do ano de 1976.